

A SEXUALIDADE INFANTIL, OS SEUS DESTINOS HOJE.

Lic. María Inés Pastore¹

1 Graduada em Psicologia pela UBA. Especialista em Clínica Psicanalítica com crianças e adolescentes.

Vice-presidente da ASAPPIA.

Membro da Área Infantil e equipe de Supervisores da ASAPPIA.

Diretor da Especialização em Clínica Psicanalítica do Colégio de Psicólogos da Província de Buenos Aires. Distrito XIV. licpastore@gmail.com

*“O caminho da minha identidade pressupõe que eu tenha mudado,
Mas a regularidade da mudança mostra que sou a mesma”
Mario Benedetti: Alegria de hoje (histórias completas)*

Pensar a sexualidade infantil e seus destinos hoje, necessariamente me remete a como vínhamos pensando a subjetividade e a clínica nos últimos tempos e o impacto que a pandemia teve nessa subjetividade.

Parto da proposta freudiana da sexualidade infantil como aquela que nada tem a ver com a genitalidade, mas tem a ver com tudo o que, passando pelo par de prazer desagradado, acarca as problemáticas do sofrimento psíquico, do amor e do ódio.

Freud no “Projeto de psicologia” (1895) propõe que todo estímulo que entra no aparelho se transforma em excitação. Em “Inibição, sintoma e angústia” (1926), sugere que o Eu, ao desencadear o sinal de angústia tenta evitar ser trasbordado pelo aparecimento da angústia automática, característica da situação traumática.

Uma espécie de simetria é estabelecida entre o perigo externo e o perigo interno: o Eu é atacado por dentro pelo aumento de excitações pulsionais, como o é de fora.

A sexualidade infantil é conceituada por Freud como anárquica em seus primórdios - não subordinada ao amor de objeto - opera durante toda a vida como plus irreduzível à auto-preservação e à procriação. Laplanche a denominou sexualidade paragenital, como forma de marcar que não é uma sexualidade que cronologicamente antecede, à sexualidade genital à qual deverá subordinar-se, mas de duas sexualidades diferentes que coexistirão durante ao longo da vida do sujeito.

Não se trata de uma sexualidade instintiva, sua origem tem a ver com o plus de excitação que introduz o outro humano através dos cuidados da prole, demarcando zonas auteroóticas. Implantação da pulsão cujo destino determinará os destinos do sujeito

O instintivo é alterado pela implantação da pulsão que estabelece vias libidinais que definirão os modos de relacionamento com o mundo.

A repressão origina-se do contra-investimento que exerce o adulto desde seu narcisismo, liga as representações do autoerotismo ao inconsciente dando origem a instâncias diferenciadas com legalidades de funcionamento diferenciado. Origem da instância yoica que será sede do sujeito e com funções de ligação como modo de reequilíbrio da energia.

Inicia-se assim um processo que, através de múltiplas identificações com os objetos originais, seus substitutos, e as propostas que se identificam desde a cultura; irá constituindo a identidade do sujeito em seus múltiplos aspectos.

Esse Eu é o resultado do amor ao outro, daquilo que Silvia Bleichmar conceituou como narcisismo transvazante, e inclui representações não apenas sobre o corpo, mas também sobre quem se é.

O eu assume o controle da representação da autoconservação em função das ordens simbólicas em que se insere. São as formas nas quais um sujeito humano imagina a si mesmo como existindo, as formas nas quais se representa o cuidado da vida.

S. Bleichmar diferencia a autopreservação da autoconservação. A autopreservação é a forma no eu toma a seu cargo a preservação da identidade e da imagem. Encontra-se mais ligada a modalidades discursivas ideais: o que se é, quem se é.

Em linhas gerais autoconservação e autopreservação funcionam integradas de forma integrada, mas em certos momentos podem entrar em tensão.

Nos últimos tempos antes da pandemia, estávamos pensando nas mudanças na subjetividade com base do que foi apresentado na clínica como novas doenças humanas, em relação aos quadros psicopatológicos tradicionalmente usados para pensar na clínica.

Doenças subjetivas que Yago Franco definiu como “Paradigma Borderline”, um paradigma clínico epocal intimamente ligado a à pulsão de morte e ao modo de ser da cultura e da subjetividade.

A cultura do neoliberalismo nos propõe, uma exigência do ilimitado: goze ilimitado, consumo ilimitado, aceleração da temporalidade da mão da tecnologia à busca do imediato.

Imaginário social instituinte, conforme ao definido por Castoriadi; coletivo que oferece, a partir de suas instituições, os significados e os modelos identificatórios, através dos quais os sujeitos veiculam sua vida pulsional. Modos de ser, pensar, fazer, desejar e sentir.

Formas clínicas como o chamado ataque de pânico, depressão, a passagem para o ato, vícios, anorexias, patologias psicossomáticas, quadros borderline, estavam ganhando dominância no cenário clínico, coexistindo com diferentes correntes psíquicas e diferentes dominações estruturais (neurose, psicose e perversão).

Formas clínicas ligadas a falhas na simbolização, função fundamental a cargo do Eu para ligar a excitação, na busca de um equilíbrio da economia psíquica sob o domínio do princípio do prazer.

Nessas questões, entre outras, nos encontramos quando estourou a pandemia, gerando uma interrupção abrupta dos modos habituais de funcionamento e, portanto, de resolução da vida pulsional, e dos modos elaborativos dos acontecimentos de nossa vida, por exemplo, os lutos. A impossibilidade de nos encontrarmos com outras pessoas, levou-nos a procurar modos alternativos nos quais a tecnologia surgiu como um meio privilegiado para o trabalho, educação e encontro social. No entanto, aos poucos percebemos o quão insubstituível era a presença e o encontro dos corpos.

O conceito de defesas maníacas de Klein, nos permite compreender alguns modos de funcionamento observados a partir da pandemia. Diante da perda, *“as defesas maníacas servem para proteger o eu de sentimentos muito intensos de medo da perda, luto, nostalgia e dor”*. Tais defesas incluem mecanismos tais como cisão, idealização, identificação projetiva, negação, etc.

A negação da realidade pode ser mantida reavivando a onipotência e o controle onipotente do objeto. A relação maníaca com os objetos é caracterizada por uma tríade de sentimentos: controle, triunfo e desprezo". (Hanna Segal, Introdução ao Trabalho de Melanie Klein)

A pandemia, medidas preventivas de isolamento, o impacto na economia, etc., constituíam uma ameaça à vida.

Como sujeitos cindidos, em tudo o que fazemos, entra em jogo algo da pulsão reprimida, dessa sexualidade infantil, veiculada de diferentes maneiras e da qual nosso psiquismo se defende permanentemente.

A fantasia de que tudo passaria rápido, herdeira da lógica da imediatiz, não favoreceu novos modos de rearranjo da vida cotidiana e muitas das formas pré-existentes de ligação e descarga pulsional que se viram interrompidas, produziram um excesso de excitação para o qual se faz necessário encontrar um destino.

É gerada uma estase libidinal que pode ser pensada no modelo das "neuroses atuais" (Freud 1916/17) descritas em relação a um certo excesso de excitação, que não se expressa através de sintomas psiconeuroticos, mas com manifestações como fadiga física, dores de cabeça, vários distúrbios gástricos, insônia, irritabilidade, inquietude. Freud o descreve como uma angústia sem ligação, sem substituição representativa, ou seja, sem mediação simbólica. A produção simbólica é definida como "tudo aquilo que implica circulação de conjuntos ideativos, representacionais, linguísticos, o que não se reduz à coisa em si."

Através do uso de redes, vemos a acentuação dos modos compulsivos em várias ordens (cozinhar, consumir, ginástica, yoga), o efeito da tentativa de ligar os excessos de excitação desligados dos modos habituais de resolução.

O aumento da irritabilidade, da violência e da intolerância nos oferece um cenário em que o dia-a-dia se desenrola, impensável em outros momentos.

Os meios de comunicação social constituíram-se muitas vezes num fator traumático, produzindo um excesso de estimulação impossível de metabolizar, produto de mensagens contraditórias, falsas notícias e tentando muitas vezes manipular a opinião pública para fins políticos, sem ter em conta o estado de desvalorização em que nos encontramos.

A ligadura é um termo usado por Freud para designar uma operação que tende a limitar o livre fluxo das excitações, a unir as representações entre si, a constituir e manter formas relativamente estáveis. Processo que requer um tempo e da tolerância da frustração e de afetos considerados negativos. (tristeza, angústia, raiva, etc.)

As diferentes formas de violência e maus-tratos encontraram um cenário favorável a ser desdobrado, transmitido por discursos de ódio na busca de um inimigo designado para culpar pelo que acontece. "Ficar em casa" significava, em muitos casos, viver com outras pessoas violentas ou com abusadores.

A saúde mental em xeque e as equipes de saúde levadas a recriar modalidades de atendimento, em um quadro de insuficiências que se fermentava há várias décadas.

O tempo passa e um ano e meio após o início da pandemia, o tão esperado retorno à normalidade não ocorreu e se algo está claro é a incerteza do futuro.

Em alguns casos, a pandemia teve um efeito traumático.

Em termos econômicos, o traumatismo se caracteriza por um influxo excessivo de excitações, em relação à tolerância do sujeito e sua capacidade de controlar e elaborar psiquicamente tais excitações.” (Jean Laplanche, Jean-Bertrand Pontalis. Dicionário de Psicanálise).

No trauma após um certo tempo de latência aparecem sintomas que são reagrupados de acordo com duas modalidades:

- 1.- a imagem da neurose traumática propriamente dita.
- 2.- um quadro neurótico no qual o trauma parece ter desencadeado neuroses pré-existentes (As vias de acesso ao inconsciente estão sempre abertas, enquanto as rotas de saída são as que estão fechadas). Portanto, este fluxo de excitação está ligado e reativa as neuroses anteriores, mas não da mesma forma, mas sim o trauma as re-significa).

As formas de exclusão social têm sido aumentadas pela perda de fontes de trabalho, pela impossibilidade de acesso à educação devido à falta de acesso à tecnologia, à deterioração dos anos de saúde pública.

Como nos posicionarmos e como intervir, como psicanalistas, diante deste panorama?

A tarefa do terapeuta é dar formas de simbolização e significação às representações que não conseguiram se inserir nas cadeias psíquicas, a fim de organizar novas formas de significação. Trabalhando com as formas de representar o que está acontecendo para realocar os efeitos. A interpretação como modo de intervenção não é apropriada nestes casos, pois não estamos lidando com sintomas no sentido estrito, formações do inconsciente que tentam resolver o conflito entre instâncias, mas com o que Silvia Bleichmar conceituou como desordens. Estas são formas pelas quais a excitação sem limites irrompe no Eu em uma tentativa de descarga.

Torna-se necessário encontrar novos modos de ligação e descarga da pulsão, formas colaterais que permitam que a autopreservação e a autopreservação se voltem a integrar, permitindo-nos redescobrir modos de funcionamento ligados ao amor, à ternura, ao respeito e ao cuidado consigo mesmo e com os outros.

Referências bibliográficas

Bleichmar, Sílvia: Teorias sexuais na psicanálise. Isso permanece deles na prática atual. Editorial Paidós. Edição 1*, ano 2014.

Franco, Yago: Paradigma borderline. Da afanise ao ataque de pânico. Local editorial. Edição 1, 2017

Freud Sigmund, obras completas. Amorrortu Editores. 1 edição - 8 reprint, ano 2006.

Projeto de Psicología (1895)

Três ensaios sobre teoria sexual (1905)

Palestras introdutórias sobre psicanálise (1916-17)

Laplanche, Jean - Pontalis, Jean-Bertrand: Dicionário de Psychoanalysis. Paidos Editorial. 9 edição, 2007 reprint, 1.

Segal, Hanna: Introdução ao trabalho de Melanie Klein. Editorial Paidós. Edição 6, 1975.